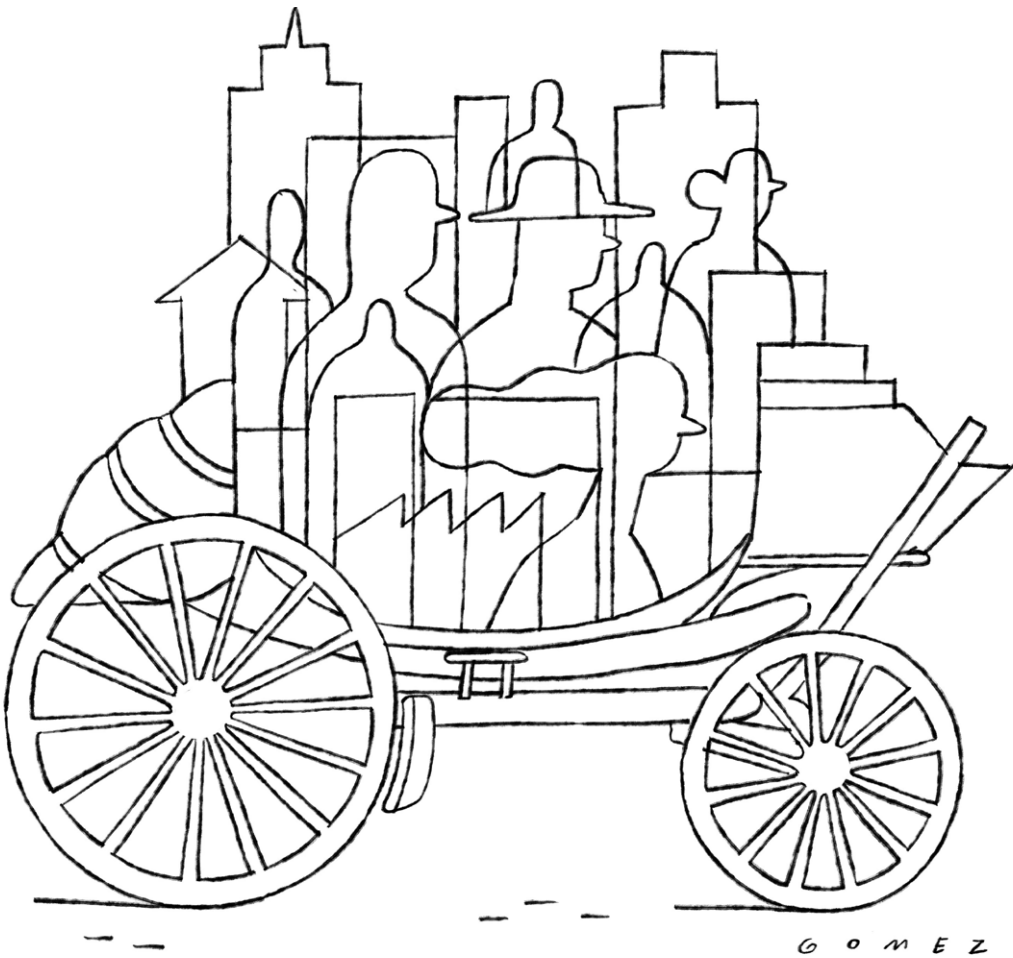


A cidade moderna no tempo das diligências

» JOSÉ NATAL
Jornalista



Incrível a lentidão e a cansativa burocracia que as autoridades seguem na apuração desses fatos, atitudes que resvalam na provocação e na total falta de consideração com a comunidade. Atenta, a imprensa registra tudo, acolhe as denúncias das pessoas prejudicadas e torna público as fragilidades técnicas de muitos profissionais que deveriam ser mais cautelosos e eficientes em suas atitudes. Modernidade, além de exibida, deve ser demonstrada.

Um trem de carga, atropelar um ônibus cheio de passageiros, em plena capital da república nos arremete para absurdas situações, quase que injustificáveis, e ridículas. Considerar um fato como este, na capital da república, como um fato normal, um acidente comum causa estranheza e preocupação. A mesma ferrovia, por onde transitava o trem acidentado, atravessa outras regiões, igualmente habitadas e com as mesmas condições de sinalização. Ou seja, o risco permanece, e não há por parte do Governo do Distrito Federal, nem de nenhum órgão do Governo

Federal, nenhuma indicação que sinalize algum tipo de providência. O risco permanece, e vai continuar.

Escola pública, ou escola alguma, pode servir lanche às crianças com larvas passeando sobre o arroz. Policial que se vale do cargo para chantagear e assediar qualquer mulher tem de ser punido, com rigor na forma da lei. Não estamos mais nos tempos das diligências, carruagens não existem mais, e a energia vem de outras fontes, e não mais das quatro patas dos cavalos.

Há que se fazer alguma coisa mais competente e rigorosa para que se melhore e se dê mais condições às pessoas responsáveis pela gestão pública. Casos bisonhos e absurdos como esses aqui relatados não podem mais acontecer com tanta frequência e serem aceitos com a perniciosa e costumeira atitude do cidadão que pratica o lema do deixa estar, pra ver como é que fica. A palavra é gestão pública. Única ação verdadeiramente capaz de direcionar a opinião pública ao rumo que ela deve seguir. Estamos carentes nesse item, mas ainda há esperanças. Claro que sim.

Mudanças climáticas e sua conexão com segurança alimentar na pauta da COP

» CAIO TIBÉRIO DORNELLES DA ROCHA

Consultor internacional para a coordenação regional Sul do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA)

No momento em que se inicia a COP28, hoje em Dubai, o tema segurança alimentar é de caráter fundamental. Vou explicar o porquê: as mudanças climáticas — que vêm se acentuando cada vez mais com o aumento da temperatura na Terra, gerando, consequentemente, índices mais frequentes de eventos climáticos — resultam em prejuízos nas nossas colheitas e na nossa produção de alimentos. Cabe a um evento tão relevante quanto a conferência do clima da ONU discutir com profundidade a questão da segurança alimentar mundial.

A pandemia da covid-19 provocou a maior recessão mundial das últimas décadas, o que fez com que o último Fórum de Davos (2020) tivesse abordagem distinta das reuniões anteriores, que destacaram as crises mundiais econômicas e financeiras como os maiores riscos aos países. Nesse fórum de 2020, e a partir dele, priorizou-se a plena retomada da economia mundial pós-covid, junto com a inclusão do enfrentamento de problemas ambientais — ou seja, uma recuperação verde.

As transformações climáticas vêm sucessivamente alternando os padrões de temperatura e clima, causando muitos problemas sociais, econômicos e da própria sustentabilidade devido a enchentes, altas temperaturas e grandes oscilações no clima. Isso ocorre em razão da produção dos gases de efeito estufa causados pelo grande uso de combustíveis fósseis, desmatamento e uso inadequado do solo. Esses impactos de temperatura podem causar enchentes, secas e mudanças nos padrões de chuvas.

Em consequência, devemos priorizar os três pilares da economia verde: baixa emissão de carbono, eficiência no uso dos recursos de produção e inclusão social. As agendas governamentais avançam cada vez mais com conectividade, sustentabilidade, fundamento

em ciência e tecnologia e inovação. Analisando as informações da OCDE, prevê-se que, nos próximos 10 anos, a produção agrícola e pescaireira da América Latina e Caribe crescerá 14%. Desses, 64% são provenientes da produção agrícola; 28%, do setor pecuário; e 8%, da pesca. A região responderá por 53% da produção de soja global, e a participação do milho deve também aumentar. A produção de aves, suínos e bovinos manterá sua liderança expressiva.

No entanto, os números que se apresentam na segurança alimentar e nutricional pós-covid são preocupantes. A prevalência da fome na região aumentou 28% entre 2019 e 2021. A insegurança alimentar afeta 40% da América Latina — isso representa aproximadamente 277 milhões de pessoas, sendo que 93 milhões sofrem de insegurança alimentar grave, ou seja, têm dias que nada comem.

A crise mundial teve efeito no preço dos alimentos. Iniciando esse impacto em 2020, pensava-se que a pandemia era transitória. Entretanto, a guerra na Ucrânia afetou severamente os preços de energia e fertilizantes, o que fez com que, durante sete meses de 2022, o processo regional inflacionasse. Nossos hábitos alimentares estão mudando, e a produção necessita acompanhar essa transformação. A sustentabilidade não é somente a posição dos líderes globais, mas, sim, o apelo dos consumidores que clamam por uma produção limpa e saudável.

Enfrentamos o desafio de garantir que 50% da população da América possa acessar uma dieta saudável, o que requer o fortalecimento do comércio regional. Como líderes na produção regional de alimentos, é crucial que aumentemos em 60% a demanda global por alimentos e em 50% a demanda por energia até 2050. Para alcançar isso, a união e a organização, por meio de um plano regional

de combate à pobreza, são fundamentais. Podemos aproveitar nossa crescente produção de alimentos para facilitar o comércio agrícola regional. Devemos buscar soluções regionais na produção de fertilizantes e fortalecer programas sociais voltados também para áreas rurais. Neste momento de desafios, é essencial estabelecer um programa regional de inclusão produtiva na América Latina com o objetivo de fortalecer a agricultura familiar, promovendo inovação tecnológica, cooperativismo, conectividade e políticas de crédito para novos investimentos.

Quem tem mais riqueza e potencial do que essa região do planeta? Temos riqueza e potencial inigualáveis, vastas extensões de terra, recursos hídricos, energia hídrica, solar, eólica e com grande potencial para expansão, tecnologia, empreendedorismo e clima favorável aos cultivos anuais. Somos responsáveis por cerca de 40% das terras agrícolas do planeta, tornando-nos grandes produtores de alimentos. Para acabar com a fome, melhorar a renda, controlar a inflação e promover o desenvolvimento regional por meio de organização e planejamento para a erradicação da fome, é fundamental o diálogo entre os países, mas, sobretudo, a união pela Terra.

Segundo manifestação do diretor geral do IICA em seminário com ministros e secretários de Agricultura da América Latina e Caribe, ele propôs uma grande “aliança para a segurança alimentar das Américas”, e, para tanto, a união dos organismos e bancos internacionais para apoiar essa aliança e excluir a insegurança alimentar da região. Assim, organização, união e política de resultados são chaves para o êxito da erradicação da fome. Não podemos trabalhar com política econômica que não esteja atrelada à política ambiental do país. Ambas são inseparáveis para se garantir desenvolvimento local.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Agro emancipado

Não se sabe ao certo que propostas ou discursos o atual governo levará à Conferência de Mudanças Climáticas promovida pela Organização das Nações Unidas (COP28), em Dubai, de hoje a 12 de dezembro. Por certo, o mundo inteiro estará de olho nesse encontro, o que pode tornar essa conferência uma excelente vitrine e uma oportunidade ímpar para que os países, e o Brasil incluído, mostrem que projetos reais possuem e como têm feito para torná-los exequíveis.

Na COP28, o Brasil, segundo analistas preveem acreditam, terá papel de destaque. Não propriamente por ações derivadas do governo, que, ao que se sabe, não tem canais abertos com esse importante setor de nossa economia, mas por causa, sobretudo, do papel desempenhado pelos pecuaristas e por toda a cadeia privada ligada ao agronegócio.

Ser considerado um dos maiores produtores de alimentos do mundo confere ao Brasil uma posição sem precedentes nesse encontro e dá ao país e à sua força de trabalho um protagonismo dos mais nobres e elogiáveis.

Não é de hoje — por conta da força do lobby internacional ligado ao meio ambiente e aos mercados consumidores, cada vez mais ciosos também com a preservação do planeta — que o agronegócio brasileiro vem se precavendo e melhorando suas práticas em busca da preservação dos recursos naturais. A antiga imagem do produtor, alheio ao mundo moderno e suas necessidades ficou para trás. Quem visita os homens de negócio ligados ao campo percebe estar na presença de gente sofisticada e plugada no mundo moderno. O maquinário e a tecnologia de ponta substituíram as enxadas e o arado. Mesmo a criação de animais experimenta o que de melhor existe em tecnologia para a pecuária.

O mercado exige e os lucros são assentados justamente nesse tipo de demanda especial. Mesmo os aspectos sanitários dos animais são observados de perto, pois qualquer distração nessa área provoca prejuízos imensos e suja a reputação em questão de segundos. Em negócios desse tipo, em que tudo é grande e delicado, não adianta fingir. Os protocolos internacionais precisam ser seguidos rigorosamente. Tudo é visível por especialistas que, a toda hora, vigiam o setor por tecnologia de satélites, que tudo vê, em tempo real.

Segundo dados divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), houve entre 2021 e 2022 um crescimento da área plantada de grãos de mais de 81% e um aumento de produção da ordem de 433%. São números fantásticos, ainda mais quando se verifica que o aumento na produção de grãos não provocou aumento nas áreas de plantio. Isso significa mais produção sem necessidade de desmatar mais áreas nativas. O que importa, na COP28, e talvez o governo não esteja atento a esse fato, é que o mundo sabe exatamente o que ocorre em nosso país, mesmo que, por aqui, se façam de desentendidos.

Portanto, de nada adianta ir para essa conferência e apresentar dados otimizados e fora da realidade e, como é de praxe, usar a tribuna como se fosse um palanque político e eleitoral. Os satélites de última geração em tecnologia não mentem. Por isso, de nada adianta mentir sobre o alarmante incêndio que cobriu Manaus de fumaça por semanas ou sobre as queimadas no Pantanal, que segue ardendo como nunca.

Também em relação ao desmatamento do cerrado, é preciso dizer a verdade, mostrando que as ações do atual governo estão ainda muito longe do que seria razoável e que a imensa região do Matopiba continua sendo devastada. De fato, o que o governo teria de modo oficial e verdadeiro a oferecer ao mundo na COP28 baseia-se, em grande parte, no trabalho realizado pela iniciativa privada, que colhe, agora, seu momento de júbilo fora da influência e de ações do governo.

»» A frase que não foi pronunciada

“Minha filha, lei não é poesia! A lei que dá margem à interpretação é inútil. É roteiro de novela.”

Dona Dita, pensando na Justiça de outros países

Muito boa

» Casal com recém-nascido estava ouvindo as notícias na tevê sobre a aprovação da PEC do Senado que limita decisões monocráticas do STF. O marido comenta: “Parece que ele acordou”. A esposa assustada pergunta: “O neném?” Ele responde: “Não, Rodrigo Pacheco!”

Grilagem

» Grileiros arregaçam as mangas e recomeçam a agir na certeza da impunidade. Entre o Paranoá e o Setor de Mansões do Lago Norte, o desmatamento não é mais com fogo. O veneno vai matando o cerrado e escorrendo para o lago. Ou o governo age imediatamente ou vamos assistir o “Não vale a pena ver de novo”.

»» História de Brasília

A razão para o que ocorre é que o deputado, sendo cearense, trouxe, de sua terra, uma cozinheira que prepara excelentes tapiquinhas de côco, e a afluência de amigos não é devido a outra coisa, senão a uma demonstração pantagruélica, com variações para a mandioca. (Publicada em 27/3/1962)